

## PAULO SILVEIRA



A publicação periódica como  
um problema acadêmico:  
algumas reminiscências

### RESUMO

O artigo apresenta reminiscências sobre a implantação do apoio à editoração de periódicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ocorrida paralela e subsequentemente à consolidação da produção editorial universitária brasileira de meados dos anos 1980 ao final dos anos 1990; comenta a permanência no tempo das dificuldades de preparação de um periódico acadêmico, adversidades que são compartilhadas pelas diversas áreas do conhecimento, incluindo as artes visuais.

### PALAVRAS-CHAVE

Periódicos científicos. Divulgação científica.  
Divulgação artística.

## A PUBLICAÇÃO PERIÓDICA COMO UM PROBLEMA ACADÊMICO: ALGUMAS REMINISCÊNCIAS

As considerações apresentadas aqui, referentes à experiência passada com periódicos universitários de distintas áreas do conhecimento, são apoiadas em reminiscências. Este é o motivo do caráter pessoal e pouco formal do texto. Que este relato seja considerado, portanto, um estudo de caso que corre o risco de pequenas imprecisões e eventuais esquecimentos. As imagens do passado serão fragmentadas, mas não incidentais. Trata-se de uma forma deliberada de aproximação a um tema tão próximo: a inserção da pesquisa artística acadêmica – história, teoria, poéticas etc. – nos paradigmas da metodologia da divulgação científica. Esta crônica assumirá a função cordial de um cartão de visitas a lides consideradas áridas e até penosas.

Uma indagação que me acompanha há bastante tempo diz respeito aos problemas editoriais comuns aos veículos científicos em mídia impressa. Chamam à atenção as relações específicas, e não exclusivas, entre periódicos que representam o conhecimento artístico e o sistema maior em que se encontram, o da divulgação da produção intelectual das universidades. O que existe de pessoal nesta vivência é sua associação a um período profissional específico de minhas experiências, uma etapa de trabalho especializado. O ciclo não foi interrompido, mas redirecionado em suas especificidades, desde seu início estando apoiado em fundamentos comuns à metodologia, ao projeto gráfico, à argumentação verbo-illustrativa e à arte.

Tomei contato com a publicação periódica acadêmica a partir de 1982, através do trabalho na então Editora da Universidade, hoje denominada Editora da UFRGS, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inicialmente como técnico em comunicação, logo passando a programador visual (após a reestruturação de cargos no serviço público federal). Apesar de ser um órgão que opera sem a agilidade desejada (e exaustivamente reivindicada), a Editora conseguiu superar dificuldades graças ao empenho de um grupo pequeno de técnicos, aqueles com efetiva identidade profissional. Sua principal função era (e ainda é) a publicação de livros, mas também eram criados catálogos, relatórios, prospectos, partituras, ilustrações, cartazes e impressos em geral para os principais produtos culturais da UFRGS. Dentre os eventos atendidos, o projeto mais marcante era o Unimúsica (apresentações musicais, principalmente popular), desde 1981 com amplo sucesso entre a comunidade

estudantil e que, nos anos seguintes, seria seguido por seus pares Unicena (teatro), Unifilme (cinema), Doze e Trinta (música erudita no Campus do Vale no horário de almoço) e Unidança (dança contemporânea). Mais tarde eles seriam reunidos em um único projeto maior, denominado Uniarte. Este último não deve ser confundido com o seu homônimo das artes visuais, que foi criado alguns anos depois, integrando o novo Unicultura (mantendo focos já existentes e incluindo fotografia, vídeo, livro e outras expressões, sempre com o prefixo *uni*). Creio não ser incorreto supor que esta demora possa indicar certa indecisão do Instituto de Artes em intensificar seu papel como produtor de cultura integrado a um projeto maior. Contudo, em pouco tempo os artistas do Instituto assumiriam papel destacado na agenda de eventos da Universidade.

Jovem, mas já acionando todo o tempo e pessoal disponíveis para a produção de livros, a Editora da UFRGS colaborava com a preparação de alguns periódicos, sem que isso fosse a sua função precípua.<sup>1</sup> A palavra “periódico” aqui deve ser entendida pelo seu sentido amplo, incluindo todas as publicações que se repetem de tempos em tempos com o mesmo título ou sob uma mesma identidade.<sup>2</sup> Eram lá produzidos, no início dos anos 1980, a *Revista do Instituto de Biociências*, anais de colóquios e encontros, números especiais de algumas revistas (com formato de livro), relatórios de gestão, catálogos de cursos de graduação e de atividades de extensão (cursos, relação com a comunidade, produção cultural etc.) e o boletim da Pró-Reitoria de Extensão, o *Extensão* (cartaz dobrável que em um dos lados informava a agenda cultural). Além disso, a Editora se aventurava a colaborar com os editores de periódicos que procuravam o seu auxílio, o que incluía estudantes. O jornal 3x4, por exemplo, realizado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo), costumava ter problemas de fechamento por causa da confusão entre aulas com cálculo tipográfico (com unidade de medida em cíceros, sistema Didot) e a realidade do cotidiano gráfico brasileiro, com impressão majoritariamente em ofsete (cuja unidade normalmente é a paica, sistema anglo-americano, hoje internacional). Procurados, os técnicos da Editora (ou às vezes os da Gráfica),<sup>3</sup> ensinavam como corrigir a diagramação. Além disso, muitos estagiários (bolsistas) reforçaram seus conhecimentos (e suas finanças pessoais) preparando, revisando ou editorando periódicos diversos.

As colaborações não pareciam ter fim. Incluíam respostas específicas para um número crescente de necessidades (de publicações sobre biodança a cultivares de arroz, de relatórios a panfletos, de periódicos regulares aos que nunca saíram do primeiro número). O esforço freava o pleno andamento da atividade fim da Editora, que é a difusão da produção intelectual da universidade através da publicação de livros. Foi preciso tomar uma decisão, muito refletida, de interromper as colaborações (ratificada pela Pró-Reitoria). Mas logo a resolução precisou ser reconsiderada. O

<sup>1</sup> Originalmente cabia à Editora elaborar uma revista da universidade, inespecífica. A Secretaria de Comunicação Social (assessoria de imprensa) é a efetiva detentora dessa tarefa, publicando mensalmente, desde 1997, o *Jornal da Universidade*, sob a editoria da jornalista Ânia Chala. Assuntos das artes têm excelente cobertura, com textos assinados, e o Instituto de Artes colabora habitualmente. O jornal foi precedido pelo *Jornal da UFRGS*, 1986-1989, e o *Jornal Mural da UFRGS*, 1978-1985, entre outras formatações.

<sup>2</sup> Essa solução ocorre para certos anais, cadernos de estudos, relatórios, catálogos etc. Por exemplo, nem revista, nem jornal, mas periódicos, são os livros do Seminário de *Proyectos y Médios Multiples*, *MM* ou *Médios Multiples* 1 (2005), 2 (2008) e 3 (2010) — com um quarto previsto para 2013 —, da Escuela Nacional de Artes Plásticas da Universidad Nacional Autónoma de México. O projeto e seus resultados estão apresentados em *Porto Arte* 33.

<sup>3</sup> A UFRGS possui Editora (instituição publicadora que projeta, promove e distribui, com conselho editorial multidisciplinar) e Gráfica (oficinas de impressão e acabamento), entidades distintas e subordinadas a instâncias diferentes. O que se costuma chamar de imprensa universitária pode ser a união das duas, mas geralmente é apenas uma gráfica, sem conselho editorial.

aumento vigoroso da pressão para divulgação da pesquisa acadêmica, somado ao novo panorama dos processos de arte-finalização, determinados pela informatização, exigiu da UFRGS como um todo um esforço de atualização dos procedimentos. O mínimo pretendido era que certo amadorismo pudesse ser sobrepujado, possibilitando que os atrasos editoriais fossem reduzidos. Assim, no início dos anos 1990, a Pró-Reitoria de Pesquisa propôs um esforço técnico que teria como suporte a experiência da Editora. Esse esforço não era o ideal, mas a “lubrificação” possível para aquele momento.

Um pouco de luz ajudará a compreender o cenário. Os técnicos atuantes na Editora durante os anos 1980 foram capacitados adequadamente, mas instalados na mais absoluta precariedade administrativa e financeira. Cartazes eram concebidos para apenas uma impressão (uma cor); formatos especiais quase nunca eram usados; fotoletras e fotocomposição também eram eventuais; alguns trabalhos eram produzidos com estética propositadamente rude (por exemplo, com a “explosão” ou agigantamento de textos manuscritos ou datilografados em velhas máquinas de escrever, ampliados vigorosamente); truques de desenho em alto-contraste e de reaproveitamento de imagens impressas eram habituais. A Editora era tão hábil em lidar com a falta de recursos, que chegava a ensinar seus métodos a diretores e técnicos de outras universidades.<sup>4</sup> Tais soluções só eram possíveis porque o trabalho era pensado criativamente, a partir de concepções plásticas. Nós, os responsáveis pela tarefa naqueles anos, éramos ambos com formação universitária em Artes Plásticas pela própria UFRGS.<sup>5</sup> Não há motivo de orgulho pelas adversidades, mas pelas soluções certamente. Dominávamos as técnicas tradicionais e, com a informatização se espalhando rapidamente no início dos anos 1990, fizemos os três cursos básicos oferecidos no Centro de Processamento de Dados: *Introdução à Informática*, *MS-DOS* e *Windows*. E estudávamos o uso dos programas por conta própria, lendo manuais pagos por nós mesmos (como os do então revolucionário CorelDraw, em suas versões 3 e 4). Ou seja, éramos mais céleres do que os escassos laboratórios gráficos da Universidade. Aprendíamos rápido e a UFRGS se tornava uma importante publicadora de livros universitários, a custos muito baixos. Assumimos um papel relevante dentro da que é considerada a década de consolidação do sistema de editoras universitárias no Brasil, os anos 1989 a 1998 (Bufrem, 2001, p. 377). Deve-se acrescentar que esse processo pode ter começado antes disso, talvez entre 1981 e 1988, graças ao Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual das Instituições de Ensino Superior Federais (PROED, da Secretaria de Ensino Superior, Ministério da Educação). Porém, a prioridade era dada ao livro-texto (confirmado por Garcez, 2008, p. 20), o que frustrava alguns de nós. Também o Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (PIDL), iniciado em 1982, foi muito importante, sobretudo por ser não governamental. E, finalmente, a progressiva associação corporativa das editoras universitárias, em processo iniciado na UFRGS com a criação da Associação das

4

A primeira vez em 1983, no 1º Encontro de Editoras Universitárias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e depois em outros seminários e encontros profissionais (corporativos ou particulares).

5

Eu era acompanhado por Carla Luzzatto, recebedora do Prêmio Açorianos de Literatura, de Porto Alegre, para a capa da edição brasileira de *A Tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual*, 2003, de Edmond Couchot, da série Interfaces, coordenada pelo programa editorial do PPGAV/UFRGS, e para o projeto gráfico de *Saramago na Universidade*, 1999 organizado por Tânia Carvalhal.

Editoras Universitárias da Região Sul (Eduni-Sul), instalada em 1983, mas desativada, já que implicaria a criação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) em 1988. Se em 1984 apenas 5% das 867 instituições de ensino brasileiras tinham produção editorial (Garcez, 1984, p. 55), em 2012 a ABEU congregava 109 editoras.<sup>6</sup>

Nada mais natural, pela experiência técnica e criativa acumulada, que a Editora ajudasse o sistema de periódicos e seus editores e editoradores. Assim foi feito. A Pró-Reitoria de Pesquisa<sup>7</sup> propôs que ajudássemos a todos, da forma que fosse possível. Os trabalhos eram diversos: editoração integral ou parcial do periódico, projeto gráfico de capa, redesenho de logotipia, arte-finalização digital de projetos antigos, elaboração de capas modulares para posterior adaptação, transformação de leiautes gráficos em arquivos digitais, cálculos gráficos etc. Do nível máximo de interferência até a mais sutil sugestão, passaram pela Editora da UFRGS títulos como *Anos 90* (do Programa de Pós-Graduação em História), *Boletim do Instituto de Biociências* (hoje *Revista Brasileira de Biociências*), *Cadernos do Aplicação* (do Colégio de Aplicação), *Humanas* (filosofia e ciências humanas), *Episteme* (filosofia e história das ciências), *Horizontes Antropológicos* (antropologia social), *Organon* (do Instituto de Letras), *Revista do SAJU* (do Serviço de Assistência Jurídica da Universidade), *Caderno de Farmácia*, entre outras. Os procedimentos mais intensos duraram cerca de dois anos.<sup>8</sup> Logo a colaboração seria abandonada, pelos motivos já mencionados: a demanda pela edição de obras não periódicas era proeminente e amplamente prioritária.

Nova cooperação seria efetivada anos depois, em junho de 2004, através da reunião de esforços das Pró-Reitorias de Pesquisa e de Extensão, que realizariam o curso *Produção Editorial de Livros e Periódicos*, em oito encontros organizados com o Programa de Apoio à Editoração de Periódicos. O evento foi direcionado aos editores de periódicos da UFRGS, embora aberto. Os temas foram divididos em módulos específicos: do original ao artigo e à publicação, normatização, processo gráfico, divulgação de periódicos, indexação, permuta etc.<sup>9</sup> Foi um sucesso. As sessões aconteceram em salas lotadas. A revista *Porto Arte* não teve editor presente nas atividades, mas o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais esteve representado por mim, na época representante discente do doutorado.

Essas e outras experiências possibilitam algumas observações quanto às dificuldades que acompanham a publicação de periódicos científicos nas universidades brasileiras, especialmente as públicas (responsáveis pela maior parcela da pesquisa no país e, no caso das artes visuais, da quase totalidade). Os maiores transtornos dizem respeito à manutenção da periodicidade, tarefa dificultada por atrasos de todo tipo, justificáveis ou não, e pelos amadorismos pontuais localizáveis na cadeia de rotinas do trabalho editorial. Textos elaborados por convite (com função editorial ou para dossiês temáticos, por exemplo) chegarão com atraso se solicitados tarde demais, e artigos propostos por inscrição precisam de avaliação, exigindo melhor administração

<sup>6</sup> Ver o site da ABEU: [www.abeu.org.br/EditorasAssociadas.aspx](http://www.abeu.org.br/EditorasAssociadas.aspx). Acesso em outubro de 2012.

<sup>7</sup> Com acompanhamento geral de Marinha Aranha Rocha, especialista em metodologia do ensino superior, diretora do Departamento de Incentivo à Pesquisa e mais tarde Vice-Pró-Reitora de Pesquisa (1996-2009).

<sup>8</sup> Sob coordenação de Geraldo Huff, jornalista, então chefe da seção de editoração, mais tarde diretor da Editora (1997-2002).

<sup>9</sup> A coordenação geral foi de Jusamara Souza, diretora da Editora (2002-2008) e editora de *Em Pauta*, revista do Programa de Pós-Graduação em Música. Coube-me como tema a editoração do livro universitário e a aplicação desses conhecimentos aos periódicos. O evento também contou com o apoio da Biblioteca Central e da Gráfica.

10

A atenção necessária à metodologia da editoração acadêmica é basicamente a mesma para publicações periódicas e não periódicas. Estrutura-se no melhor equilíbrio possível entre esteios que podem conflitar: (1) fundamentos do projeto gráfico e da comunicação (programação visual, incluindo técnica e psicodinâmica da ilustração); (2) respeito ao texto original e à mensagem; (3) observância das regras gramaticais e do léxico (incluindo o vocabulário ortográfico oficial); (4) deferência pelas normas técnicas nacionais e pela padronização; (5) consideração pelos usos tradicionais ou consagrados dos elementos de bibliologia; (6) atenção às contingências técnicas e orçamentárias; (7) boa vontade com os interesses institucionais; e (8) bom senso. O malabarismo bem-sucedido desses fatores está por traz de decisões editoriais coerentes, mas nem sempre acatadas unanimemente, podendo mesmo causar desconfiança, contrariedade e ressentimento.

11

Conforme anexos II e VII do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, Lei 11.091/2005, com alterações posteriores, que “dispõe sobre a estruturação do plano de carreira dos cargos técnico-administrativos em educação, no âmbito das instituições federais de ensino vinculadas ao ministério da educação, e dá outras providências”. Ver também <http://www.ufrgs.br/progesp/progesp-1/setores/dima/descricao-dos-cargos/cargos-de-nivel-e#14-1> (acesso: out. 2012).

das rotinas. O texto precisa ser revisado e preparado, traduções e versões precisam ser providenciadas, ilustrações precisam ser verificadas, a editoração necessita acompanhamento.<sup>10</sup> A parte gerencial dessas atividades é frequentemente feita de maneira abnegada, mas amadorística, por professores sem habilitação para tal (com exceções em áreas como jornalismo, publicidade, edição, editoração). E, francamente, que professor pode se dedicar confortavelmente para essas tarefas na atual realidade brasileira? É preciso ministrar aulas, dedicar-se à orientação de alunos, às atividades de extensão, às tarefas de pesquisa, às funções administrativas, à organização de eventos, à participação em bancas, colegiados, comissões, conselhos, núcleos, laboratórios... O desejável seria a disponibilidade de técnicos qualificados, com identidades profissionais inequívocas. O setor público descreve o cargo como “editor de publicações” (apenas “editor” na legislação anterior), previsto para servidores com graduação superior em “comunicação social, jornalismo ou letras”,<sup>11</sup> ainda, infeliz e anacronicamente desconhecendo a possibilidade de existência de formação específica.

É verdade que a elaboração de apenas um único periódico significa muito pouco trabalho para um editor profissional e sua equipe, que poderia atender um número maior de publicações simultaneamente. A exigência mais importante seria a habilidade em lidar com as particularidades da retórica editorial científica e ter receptividade intelectual aos diversos campos de saber. Neste caso, entenda-se a tarefa como sendo a construção da obra bibliográfica a partir de seu conteúdo textual e ilustrativo nas diversas áreas de conhecimento com que a universidade trabalha. Uma formação mais holística e ao mesmo tempo vertical, portanto, seria bem-vinda, considerando-se que o editor universitário é o “mais genuíno dos editores científicos” (Salvado, p. 4), lembrando que “são diferentes as funções do editor científico e as do professor universitário ou do investigador”. Para muitos, se é verdade que professores “não devem exercer a função de editor sem uma preparação profissional adequada”, por seu turno os editores necessitam “indubitavelmente do auxílio dos professores e investigadores” (*idem*, p. 21). Como a UFRGS não mais oferece apoio da sua Editora (em tese onde haveria com o perfil adequado), ela tenta prover o auxílio possível através de um núcleo de editoração da Gráfica (que presta atendimento aos periódicos). Mas não temos informação de que exista um editor lá lotado. Nem mesmo existem estagiários (bolsistas) com essa formação, já que a Universidade ainda não oferece curso de bacharelado ou habilitação na especialidade. São poucos os cursos superiores com terminalidade editorial no Brasil (com destaque para Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro).<sup>12</sup>

Na UFRGS, os principais problemas estão identificados, e são os mesmos de há vinte anos: “manutenção da periodicidade”, “falta de divulgação e circulação de parte significativa dos periódicos” e “estrutura limitada das respectivas comissões editoriais” (Gruszynski; Golin; Lucchese, 2007, p.7). Quanto à revista *Porto Arte*, a

primeira observação a ser feita é de que ela pode estar acima da média de idade de suas colegas de universidade,<sup>13</sup> tendo o mérito de ser uma das mais antigas revistas da pós-graduação em artes do país (o seu primeiro número data de junho de 1990). Isso não a redime de dificuldades comuns a suas congêneres. Também sofre com a falta de acompanhamento profissional continuado e exclusivo, um problema que persiste desde a sua criação. Como em outras áreas acadêmicas, o trabalho acabou sendo assumido com desprendimento por professores dedicados, mas sem a disponibilização de técnicos pela instituição. Essa dedicação ao Programa de Pós-Graduação, superposta com múltiplas obrigações, não significará agilidade no processo editorial. Ao contrário. A dificuldade mais evidente pode ser identificada no tempo longo, muito longo, gasto na preparação de cada número. O uso de um comitê editorial para desempenhar também as funções que habitualmente são desempenhadas por um só profissional, o editor, acaba por prolongar a etapa executiva do fluxo de trabalho. E às vezes também em certas deliberações. Uso um exemplo presenciado por mim em outra área. Após a criação de duas ou três capas para uma nova revista que seria publicada pelo curso de História, decidi-se que as propostas seriam avaliadas pelos professores de seu conselho (não lembro exatamente, mas acho que algo entre quatro a seis pessoas). Resultado: não houve consenso. Com *Porto Arte* também ocorreu algo semelhante. Há alguns anos, após idas e vindas, todas as propostas sugeridas para capa da série atual foram recusadas, mesmo a última, simples, duas impressões, com uma cor chapada dominante e o número geometricamente posicionado um pouco à direita. E a revista acabou se decidindo, mais tarde, por uma versão elaborada por outra pessoa: uma capa simples, duas impressões, com uma cor chapada dominante e o número geometricamente posicionado um pouco à direita! Nas artes visuais as diferenças de gosto e de opinião podem ser ainda mais impeditivas que em outras áreas.

Ao pensarmos o modelo brasileiro para periódicos gráficos (os eletrônicos prometem maior desenvoltura) volta à mente os editores de livros que durante a década de 1980 propugnaram pela independência administrativa das editoras universitárias federais e outros sonhos de produção ou comercialização. Se transplantarmos aqueles ideais para as revistas, encontraremos aqui e ali modelos bem-sucedidos, mas em outros contextos. O pensamento acadêmico em arte pode ser propositivo quanto a caminhos financeiros alternativos; e a postura ideológica dos pesquisadores e artistas editores, fatigados do penoso caminho de realização, pode levá-los a um sistema paralelo à universidade. Uma revista visual produzida por artistas, por exemplo, dificilmente será porta-voz do mundo acadêmico, mesmo que ele tenha capacitado e “empoderado” os seus agentes. É mais fácil essa função persistir em periódicos estruturados pela teoria e pela palavra. Os modelos importados (menos dependentes de “mesadas”) certamente serão mais ilustrativos.

12

O curso de Comunicação Social da USP (na ECA, Escola de Comunicações e Artes) oferece Habilitação em Editoração; e o da UFRJ (na ECO, Escola de Comunicação) oferece a terminalidade Produção Editorial.

13

Em 2010 a média de idade dos periódicos da UFRGS seria de 17 anos, segundo Ferreira; Mattos; Job, 2010, p. 8. Mas o trabalho usou método (ou fonte) questionável, ignorando a existência de *Porto Arte*. Portanto, é passível de incorrer no mesmo erro de omissão de outros periódicos.

Um exemplo internacional de curta duração e posterior metamorfose é a revista *Semiotext(e)*, publicada em Nova York de 1974 a 1984 (e a partir de então com formato de séries de livros) pelo francês Sylvère Lotringer junto com estudantes da Columbia University, onde lecionava crítica literária e filosofia.<sup>14</sup> O periódico era “uma estratégia para posicionar-se fora da academia enquanto continuava fazendo parte dela” (The European..., 2012), apresentando nomes genericamente identificados como da “teoria francesa” (como Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean Baudrillard, Paul Virilio, Jean-François Lyotard etc.) e entrevistas com artistas locais (como Philip Glass, Robert Wilson, John Cage), mais tarde publicando intervenções no boletim ocasional *Animal Shelter* (Allen, 2011, p. 296). Originalmente um periódico independente, desde 2001 seus livros constituem uma série distribuída por instituição acadêmica, a MIT Press. Caso parecido, mas duradouro quanto à apresentação é o de *October*, criada em 1976 e ainda hoje uma das revistas mais influentes. Denominada a partir do filme homônimo de Eisenstein, foi criada pelas norte-americanas Rosalind Krauss e Annette Michelson (e Jeremy Rolfe-Gilbert, nas primeiras edições), então se desligando do comercialismo crescente de *Artforum*. O primeiro editorial informava a intenção de “voltar-se para aqueles leitores que, como muitos escritores e artistas, sentem que o formato atual das principais revistas de arte está produzindo uma forma de jornalismo pictórico que desvia e compromete o esforço crítico” (*October*, v. 1, n.1, 1976, p. 5). Segue publicando os mais importantes nomes da teoria, da crítica e da história da arte (incluindo, também, a divulgação da teoria francesa para o público anglófono), além de artistas. O corpo editorial inclui ou incluiu nomes como Douglas Krimp, Yve-Alain Bois, Hal Foster, Benjamin Buchloh e outros. O seu início foi possibilitado pelo Institute for Architecture and Urban Studies, passando, a partir do número 5 para a MIT Press, onde já ultrapassou o número 140. Abrigada na editora do Massachusetts Institute of Technology, *October* está acalentada pelo modelo de um mundo acadêmico específico, que garante sua autonomia de navegação.

É preciso reconhecer que o consumo erudito de informações parece dar prioridade para reflexões textuais – no nosso caso, a revista dita de arte ou sobre arte –, mais habituais que as proposições da linguagem visual – a revista de artista. Não precisa explicações a receptividade no meio institucional de uma revista como a *Revista-Valise*, periódico eletrônico sem versão impressa, criado e mantido desde 2011 por mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS.<sup>15</sup> É muito cuidadosa na seleção de artigos. Possui projeto gráfico elegante, funcional, obediente ao sistema predeterminado pelo SEER, Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas,<sup>16</sup> o que diminui os riscos com o prazo de fechamento das edições. Mesmo que com poucos números lançados, não é mais apenas uma promessa. É um veículo que se torna consistente, além de um bem-vindo complemento para *Porto Arte*, sua irmã mais velha, dirigida por docentes do mesmo Programa.

14

O “e” entre parênteses indicava a relação entre idiomas, segundo a ironia de Chris Klaus (uma dos atuais editores, juntamente com Hedi El Kholi e Lotringer) “um trocadilho concebido em meados dos anos 1970, fazendo referência tanto a base bi-cultural de todo o empreendimento (*text* [inglês] sendo *texte*, um substantivo feminino francês), e ao mesmo tempo parodiando a preponderância de cláusulas parentéticas no modismo acadêmico; por exemplo, *The(M)other...* Uh, você tinha que ter estado lá.” (Morgan, 2012).

15

Por serem periódicos recentes e que envolvem estudantes, as equipes editoriais de *Revista-Valise* e de *Refil* (apresentada adiante) podem não ser perenes. Consulte os sites de internet para verificação dos expedientes.

16

O SEER é um sistema de processamento de artigos para periódicos científicos eletrônicos, originado do Open Journal Systems, desenvolvido pela Universidade British Columbia e adaptado no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). O periódico pode ser construído de maneira integralmente eletrônica (formatação predeterminada) ou usando visualização de páginas com diagramação equivalente à versão impressa.

Quanto à segunda possibilidade de divulgação, a revista de artista, sua possível publicação entre as atividades regulares de graduação em artes seria uma vitória importante e necessária para o exercício e a divulgação das pesquisas com linguagens artísticas, além de um eficaz incremento do ensino. Uma pequena demonstração desse argumento pode ser localizada na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Ainda muito recente, surgida em 2010, com apenas quatro números lançados (e certamente uma aposta), a *Refil*, “revista em formato laboratório” produzida pelo Núcleo de Produção em Artes Gráficas, é um exemplo de coragem. Por enquanto (ou como proposta) sem periodicidade certa, sem ter um formato padronizado, sem a sugestão de perenidade que se esperaria num periódico (e, portanto, sem ISSN),<sup>17</sup> tem sinceridade e energia comunicativa. Pode ser elaborada com aparas de papel (sobras da gráfica) e ter suas páginas majoritariamente visuais, ou pode ser eminentemente textual e teórica. Pode enfim escolher arbitrariamente que rumo tomar. O projeto “conjuga três idéias principais: o *mostruário*, através de sua embalagem-dispositivo; o *abastecimento*, expresso pelo título da revista e relativo ao desejo de concretização de frentes extracurriculares de pesquisa e de trabalho; e por fim, *a livre e irresolúvel experimentação*”. A experimentação é intelectual e formal, compositiva da palavra e da imagem, com predominância de entrevistas e textos de artistas e teóricos, muitos deles professores. Conta com a parceria da *Pós*, revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG.

Penso que as muito jovens *Revista-Valise* e *Refil*, frutos distintos do esforço de divulgação da produção intelectual de nossas escolas de artes, uma virtual e a outra física, uma maior e outra menor, uma elaborada por alunos da pós-graduação e a outra por alunos da graduação, mas ambas gestadas em atribuladas instituições federais de ensino, não são dicotômicas, mas sim complementares e sincrônicas. Seleccionam e publicam o pensamento artístico com independência e seriedade. São, por suas qualidades, espontaneamente inerentes às suas procedências, defendendo as alternativas de um estatuto artístico, científico e editorial a ser almejado. Ágeis, fazem-me rir dos fardos penosos do passado, mas que são, hoje, valiosos subsídios metodológicos. E a metodologia envolvida na publicação do conhecimento gestado em centros de investigação e ensino precisa impor, para demonstração e divulgação, o universal e o singular de suas propostas, hipóteses, problemas e resultados.

17

ISSN, International Standard Serial Number (Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas), é um número de oito dígitos (dividido em dois grupos de quatro, separados por hífen) identificador de um periódico. A rede ISSN (ISSN Network) é representada no Brasil pelo IBICT, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. O número é afixado na capa, acompanhado do código de barras que o representa.

## REFERÊNCIAS

- ABOUT OCTOBER. *October*, New York, Institute for Architecture and Urban Studies, vol. 1, Spring, 1976, p. 3-5.
- ALLEN, Gwen. *Artists' magazines: an alternative space for art*. Cambridge: MIT Press, 2011.
- BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: Edusp, Com-Arte; Curitiba: Editora da Universidade/UFPR, 2001.
- \_\_\_\_\_. Práticas Editoriais e o Ensino Superior no Brasil – 20 anos da Abeu. In: *Verbo: Revista da Associação Brasileira de Editoras Universitárias*, São Paulo, ABEU, n. 4, ago. 2008. p. 19-30.
- FERREIRA, Ana Gabriela Clipes; MATTOS, Ana Maria; JOB, Ivone. Revistas científicas da UFRGS: resgatando o passado para pensar o futuro. In: *Revista Prisma.doc.*, Porto, n. 13, 2010, 13 f. [Recurso eletrônico, SAbi/UFRGS]
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Política editorial universitária. In: MESQUITA, Vianney. *Sobre livros: aspectos da editoração acadêmica*. Fortaleza: Edições UFC, 1984. p. 55-61.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida; LUCCHESI, Alexandre Francisco. Desafios para a comunicação da ciência: um estudo sobre os periódicos científicos impressos e eletrônicos da UFRGS. In: *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, ago.-set. 2007, Santos. Anais. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Universidade Católica de Santos, 2007. [Recurso eletrônico, SAbi/UFRGS]
- MORGAN, Cheryl. *Interview: Semiotext(e)*. [Entrevista com Chris Klaus]. Disponível em: <<http://www.emcit.com/emcit121.php#Semi>>. Acesso em: nov. 2012.
- REFIL: Revista em Formato Laboratório. Disponível em: <<http://revistarefil.wordpress.com/>>. Consultado em: 02 jun. 2012.
- REVISTA-VALISE. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevistaValise>>. Consultado em: out. 2012
- SALVADÓ, Francisco. *Relação entre a instituição científica (universidade, centro de investigação, etc.) e seu editor: O que espera o editor da instituição científica?* Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, [1982?]. 28p. Tradução de comunicação da V Reunião de Editores Universitários e Científicos Europeus, Pamplona, Espanha, set. 1981.
- SEMIOTEXTE.COM. Disponível em: <<http://semiotexte.com>>. Consultado em: out. 2012.
- THE EUROPEAN GRADUATE SCHOOL. *Silvère Lotringer – Biography*. Disponível em: <<http://www.egs.edu/faculty/sylvere-lotringer/biography/>>. Consultado em out. 2012.



## PAULO ANTONIO DE MENEZES PEREIRA DA SILVEIRA

Professor Adjunto no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutor em Artes Visuais pela mesma universidade (1999 e 2008), ênfase em História, Teoria e Crítica da Arte. Possui textos publicados em livros e periódicos, sobretudo sobre livros e outras publicações de artistas e seu papel no estabelecimento da arte contemporânea.